



COM VISTA PARA O ATLÂNTICO

Conferências: do Estoril para o país, do país para o mundo

O poder foge-nos por entre os dedos como íman pede metal e segue a rota que há muito lhe previam: foge de norte para sul e de ocidente para oriente



Carlos Carreiras

Vivemos na era do paradoxo. Nunca soubemos tanto sobre o mundo e ao mesmo tempo nunca nos sentimos tão perdidos nele. Olhamos à nossa volta e cada país, senão mesmo cada pessoa, anda ofegante à procura do seu lugar na sociedade – ou pelo menos a tentar não o perder. Por boas razões para uns, por razões menos felizes para outros, o mundo continua a girar. E é na Europa, principalmente na bacia mediterrânica, que encontramos o maior cinturão de desassossego global.

Foi assim também há 500 anos, quando portugueses primeiro e outros europeus depois deram início aos Descobrimentos, algo que permitiu ao Ocidente determinar o curso da globalização até hoje. Agora continuamos a estar no centro da mudança. A diferença é que já nada é comandado a partir daqui. Pelo contrário, o poder foge-nos por entre os dedos como íman pede metal e segue a rota que há muito lhe previam: foge de norte para sul e de ocidente para oriente. Quinhentos anos depois, o Sul da Europa volta a estar no

ponto de torção do mundo, só que o poder tem agora uma rota centrífuga. Escapa-se da Europa, do Ocidente.

Por razões diferentes, todos foram apanhados neste turbilhão e por isso todos vão ter de aprender a viver uma vida nova num mundo novo. A dificuldade deste processo de reaprendizagem é extrema e não está isenta de conflitos.

É por isso que nesta altura, mais do que em qualquer outra, volta a fazer sentido ouvir as pessoas que não são apenas leitores da história, são agentes e protagonistas dela. É isso que estamos, desde ontem, e nos próximos três dias, a fazer no Estoril: a ler a realidade, a prever tendências, a descodificar decisões que não são apenas da grande política mas que afectam todos os cidadãos. É esse o espírito da terceira edição das Conferências do Estoril, que convido o leitor a seguir com atenção, obviamente pela relevância do que vai ser dito mas também pela relevância de quem o diz: Herman Van Rompuy (presidente do Concelho Europeu), John Bruton, ex-primeiro ministro irlandês, Viktor Orbán, primeiro-ministro húngaro, Jorge Sampaio, antigo Presidente português, Christopher Pissarides, Nobel da Economia, Frederik de Klerk, Shirin Ebadi e Lech Walesa, todos Nobel da Paz. Descontando cimeiras de Estado, as Conferências do Estoril são a maior concentração de chefes de Estado, actuais ou passados, e de prémios Nobel da Europa. A eles juntam-se mui-

tos outros decisores de topo de organizações internacionais como o Banco Mundial, as Nações Unidas e a União Europeia. ONG, líderes sociais, que estão entre nós para ler a realidade dos nossos tempos no ano de todos os perigos. Para ser rigoroso, a par de Davos e Porto Alegre, sendo mais democrática que a primeira e menos ideológica que a segunda, as Conferências do Estoril são hoje o maior pólo de reflexão do mundo civilizado – com a curiosidade de terem um organizador improvável. Não é uma multinacional, nem uma pujante instituição financeira, nem um grupo de lóbi. Quem organiza este evento é uma câmara municipal – a de Cascais, no caso.

As Conferências do Estoril são uma realização do poder local. São uma exteriorização do compromisso de Cascais com as ideias, com a liberdade e com a transformação social. As Conferências do Estoril são uma afirmação do poder transformador dos indivíduos. Da crença de que a mudança global pode ser operada a partir do local.

Por último, as conferências projectam aquilo que em Cascais achamos que Portugal ser e dar ao mundo. Um espaço de liberdade, de debate e de mediação da nossa humanidade comum. É esse o património que orgulhosamente se renova aos olhos do mundo de dois em dois anos. Sejam bem-vindos ao espírito das Conferências do Estoril.

Presidente da Câmara Municipal de Cascais, escreve à quarta-feira